

TATO: quando a carícia é oração

“Os nossos corpos são finas camadas de pele que recobrem um poema”

O sentido do **tato** é o mais importante de todos os sentidos e, também, o mais reprimido. Pensemos que todos os sentidos, menos um, estão situados na cabeça dando cobertura ao cérebro e reagindo de maneira diferenciada diante da realidade; o **tato** é o único que está repartido por todo o corpo.

A **pele** de nosso corpo pode chegar a pesar entre seis e dez quilos, é o maior órgão que possuímos.

Além disso, devemos ser conscientes de que podemos ficar cegos, surdos, sem o sentido do gosto e do olfato; no entanto, não podemos ficar sem o sentido do **tato** porque, então, automaticamente morreríamos.

Curiosamente o **tato** é o primeiro sentido que se acende em nós dentro do seio materno. Quando o feto tem menos de oito semanas, antes de possuir olhos e ouvidos e, quando ainda mede menos de três centímetros, já responde ao tato. Nossa pele, quando nascemos, se converte no único meio de comunicação para com o exterior e atua ao longo da vida para ser também o último sentido a se extinguir.

“Tocar” é uma experiência especial; o **tato** é o mais visceral, originário e delicado dos sentidos; e a sensação de tocar e ser tocado é primária; basta ver como os bebês querem tocar em tudo e se acalmam quando se sentem tocados.

O toque é primordial na comunicação mútua. A chamada **“fome da pele”** é experiência reconhecida na vida humana. O mais leve toque pode despertar emoções, expressar calor humano que não se consegue com palavras. Reduzir os sentimentos a meras palavras cessa qualquer mensagem do coração.

O **toque** alivia a dor, a depressão, a ansiedade; o **toque** afetuoso dá segurança, faz a pessoa sentir melhor consigo mesma e com o seu ambiente; seu efeito é positivo sobre o desenvolvimento humano, provoca mudanças naquele que toca e é tocado.

Tocar ou nos sentir **tocados** é, em determinadas circunstâncias, a linguagem mais inteligível do amor.

“Se soubésseis como a pele é profunda” (Paul Valéry). Somos seres que precisamos tocar e ser tocados: o aperto de mão, o abraço, as carícias..., transmitem “vida”. É a maneira de se fazer presente ao próximo, não a partir da distância, mas a partir da proximidade corporal. Quem abraça se identifica com o outro, quem o toma pela mão lhe transmite a mensagem de que não está à margem, na solidão...

Nossa **pele** é o que se interpõe entre nós e o mundo que nos rodeia. Necessitamos da pele para poder entrar em relação. O **tato** não só afeta a todo o organismo, mas também à cultura em meio à qual nos desenvolvemos e às pessoas que se põem em contato conosco.

Segundo Schanberg o *“tato é dez vezes mais vigoroso que o contato verbal ou emocional”*.

O **tocar** algumas vezes provoca medo, como se estivesse ligado a uma sensorialidade mais densa do que a do **escutar** ou do **olhar**, mais ligada à corporalidade, ao calor da presença.

No entanto, temos herdado uma concepção pessimista do **tato**, como fonte de pecado, em lugar de descobri-lo como manancial de crescimento e realização. Por que nos empenhamos em reprimir algo tão vital? São os sentidos e os sentimentos um puro adorno ou artifício que dificultam nosso crescimento?

A partir da experiência de **fé** podemos recuperar a dimensão do **tato** como possibilidade de viver de forma mais humanizadora e plena. Os sentidos, e de maneira especial o tato, nos fazem mais humanos, nos ajudam na descoberta dos outros, fazem palpável o amor fraterno, nos ajudam a reavivar a beleza do transcendente. A **fé** requer ser vivida e compartilhada de forma criativa.

Paul Eudokimov fala de uma **“sensação de Deus”**. Teilhard de Chardin, apertando em sua mão um pedaço de pedra, fez a experiência da **“sensação de Deus”**: um Infinito tornou-se presente neste ínfimo pedaço do universo. Por isso, orar não é pensar em Deus; é ter a sensação de uma presença que nos envolve e que nos guia, é sentir a presença de Deus. Viver a partir de Deus se faz palpável. **Escutar** e **olhar** nos mantém na proximidade; mas a Presença só se estreita pelo **tocar**.

“O que nós ouvimos, vimos, apalpamos...” (1 Jo. 1,2). Nada temos a acrescentar, nada a inventar; trata-se de aplicar nossos sentidos para que “Aquele que é” possa se manifestar.

A oração do **tato** é a oração de um corpo que não se apega avidamente, que não se fecha ao outro. **Tocar** a Deus ou deixar-se tocar por Ele não é sentir-se esmagado, mas sentir-se cercado de espaço. A oração é um estreitamento que nos torna livres. Não oramos com os punhos fechados, nem com garras, nem com agulhão na ponta dos dedos. Só se pode orar com as **mãos** abertas...

A religiosidade popular está repleta de atitudes que testemunham o fato de que, para quem tem o coração à flor da pele, **“orar e tocar”** é uma só e mesma coisa.

“Tocar e deixar-se tocar”. Este é, talvez, um dos gestos mais característicos de Jesus e, também, um dos mais desafiantes e reveladores. Não é ousadia poder afirmar isso: a **“pele de Deus”**, a pele do Filho, está feita para tocar e deixar-se tocar, com tudo o que isso implica.

Num tempo e numa cultura onde um leve e inocente contato corporal era motivo de impureza e de afastamento do sagrado, Jesus, com sua pele, quebra esta união maléfica entre pureza-impureza, santidade-pecaço que se manifesta no epidérmico. O escândalo do toque é assumido por Jesus plena e conscientemente. Não como um capricho de simplesmente transgredir o que foi estabelecido, mas como uma proximidade, uma imersão na realidade do pecado-enfermidade que excluía tantas pessoas de qualquer interação social.

Jesus demonstra seu amor... “tocando” e “sendo tocado” pelas pessoas.

O significado original do verbo **“tocar”** vai além de um simples e rápido contato: expressa outros sentidos: atar, enlaçar, envolver... muito mais coerente com a maneira de atuar de Jesus.

Jesus não ama à distância; Ele se aproxima a cada passo das pessoas, gosta de sentir-se apertado entre elas. O evangelho está cheio de momentos nos quais as pessoas querem **tocar** em Jesus, mesmo que fosse a franja de suas vestes; em outras circunstâncias, é o próprio Jesus que rompe os “protocolos sanitários” e toca os doentes, leprosos... correndo o risco de se contaminar. Tocando, acaricia as crianças; tocando cura. Muitas vezes, Ele cura os doentes através do toque, da imposição das mãos, da bênção...

Assim está sempre Jesus em meio aos seus: com uma **mão estendida** que os levanta, como um amigo próximo que lhes infunde vida, como uma presença que desperta o melhor que há em cada um, como uma sensibilidade que desperta a identidade de todos e os põe de pé.

Com amor e por amor Jesus tocava as diferentes pessoas. Com amor e por amor estas o tocavam.

O Evangelho nada nos diz a respeito de palavras ou expressões que acompanhassem esses **contatos**. Com toda probabilidade não as havia. Porque quando entra em contato verdadeiramente amoroso com alguém, sobram palavras. Basta com a experiência tátil da “mútua presença”.

Gestos tão escassos hoje na vivência cristã e que Jesus deixou transparecer: próximo, carinhoso, terno.

Jesus não se esquivava da dor, da solidão e da morte; encara-as, toca-as, revela as entranhas compassivas de Deus onde a lei vê impureza, ativa a compaixão do Pai nas entranhas das pessoas indefesas e estas encontram e recuperam sua fortaleza, sua dignidade de ser humano. Assim procede Jesus; suas **mãos** deixam transparecer um coração compassivo, solidário e comprometido.

Tocar é algo mais que uma simples experiência psicológica; tocar é sentir que uma corrente de vida passa de um para outro. O doente é tocado no sentido de encontrado, assumido, aceito, reconhecido, resgatado, abraçado. Quando toda a distância é vencida, o toque de Jesus reconstrói a humanidade ferida.

Sabemos que um doente, quando tocado de forma respeitosa e não invasiva, recebe estímulos de humanidade, de autoestima e confiança que facilitam o curso da sua recuperação. Um profissional de saúde deve saber que, por vezes, um simples toque ajuda a amenizar a perturbação, tranquiliza sentimentos agitados e transmite um conforto que nenhuma máquina ou medicamento transmite.

Quando toca nos enfermos, Jesus não pensa nas severas restrições da Lei, mas deixa aflorar a **compaixão**, aquele sentimento divino que Ele encarna e torna visível. É a compaixão que o leva a quebrar o distanciamento social e comprometer-se. Quando as mãos estão carregadas de compaixão, elas se tornam oblativas, abertas, servidoras... A compaixão é o sentimento que faz a conexão das mãos com o coração. Ter compaixão é ter “coração nas mãos”.

O órgão do **tato** é a **mão**. Quê mistério há em nossas mãos que constantemente querem tocar as coisas e as pessoas? Mas a mão é um órgão extremamente flexível: *pode acariciar ou agarrar; pode golpear ou sustentar; pode puxar ou tocar delicadamente...*

Quando estendemos os braços e tocamos o outro espontaneamente descobrimos a **compaixão** e a riqueza que existe em todos nós. Há mãos que nos machucam, nos coisificam; e há mãos que nos pacificam, nos curam e até nos divinizam (imposição das mãos).

O coração é o lugar onde o ser humano se revela. As **mãos** são expressão daquilo que está presente no coração; um coração cheio de ternura, bondade, compaixão... se expressa através das mãos ternas, bondosas, compassivas, que praticam a partilha... Um coração cheio de violência, arrogância, ambições, malícias... se expressa através de mãos violentas, maliciosas, fechadas... As **mãos...** o espelho da alma.

É o coração transformado que dirige a **mão** santificada, delicada. É o coração agradecido que transforma as **mãos** em instrumentos de graça.

Na nossa **mão** há a **Mão da Vida**; encontramos esta expressão em diferentes tradições religiosas: **“a Mão de Deus”**. Algumas vezes podemos nos sentir guiados, como se tivéssemos uma Mão pousada em nosso ombro, em nossa cabeça, nas nossas costas, para nos fazer avançar, para nos manter de pé.